

DC na sala de aula

FRANCINE GAOPRE



Amor à pátria é a lição

Página 9

DIÁRIO CATARINENSE TERÇA-FEIRA, 29 DE SETEMBRO DE 2009

RICARDO DUARTE



Sabrina é uma das 55 alunas de ginástica rítmica no colégio Irineu Bornhausen, em Florianópolis

Salto na educação

PROGRAMA DAS ESCOLAS ESTADUAIS INCENTIVA ATIVIDADES EXTRAS

Ginástica rítmica, natação e até fanfara começam a fazer parte do cotidiano de 62.378 alunos da rede estadual em Santa Catarina. Eles são beneficiados por um programa da Secretaria da Educação, que está sendo implantado em 592 escolas da rede.

No colégio Irineu Bornhausen, em Flo-

rianópolis, a prática de ginástica rítmica se transformou em um incentivo para alunas como Sabrina (foto). As aulas começaram a ser ministradas no colégio em setembro, com 55 meninas inscritas e fila de espera.

Para terem acesso às atividades complementares, os alunos precisam comprovar

frequência mínima em sala de aula e apresentar boas notas.

Além dos benefícios para a saúde, já que várias modalidades envolvem a prática de esportes, as atividades ajudam os alunos do ensino médio e dos últimos anos do ensino fundamental a organizarem melhor o tempo

e aproveitar os períodos do dia.

– Mesmo que não treine e não seja campeão, a criança vai aprender a encarar desafios, vai vencer obstáculos, vai ter vontade de fazer as coisas – avalia o chefe do departamento de esportes do Instituto Estadual de Educação, Geraldo do Valle Pereira.

Editorial

15 de outubro. Dia do professor. O cotidiano destes profissionais é cada dia mais desafiador.

O velho conjunto de giz e quadro negro deixou de ser o protagonista da arte de ensinar e passou a dividir espaço com a ginástica rítmica, a fanfarra e outras atividades que transcendem o espaço entre quatro paredes da sala de aula.

A frente dos alunos, cabe ao mestre driblar as dificuldades e canalizar a energia dos estudantes (o que muitas vezes ultrapassa o limite e põe sua própria autoridade à prova) para ampliar os horizontes e despertar o interesse dos que contam com ele para uma parte fundamental da formação do adulto em desenvolvimento.

Ser professor é isso. É aprender ensinando. É doar sem esperar recompensa. É ter nos alunos um pedacinho da família. É ser para eles, um exemplo de superação e uma fonte de conhecimentos.

Envie projetos/produções para publicação no caderno DC na Sala de Aula:

- 1- Critérios para envio de produções dos alunos das escolas estaduais às Gerências Regionais de Educação (Gereds):
 - ✓ Enviar em folha A4
 - ✓ Identificar o trabalho no verso
 - ✓ Dever constar nome completo, idade, série, escola e cidade
 - ✓ O professor deverá enviar, com as produções dos alunos, um resumo do objetivo do trabalho desenvolvido
 - ✓ As produções devem ser enviadas dentro do prazo estabelecido pelas Gereds

- 2- Critérios para envio de artigos de profissionais de educação para publicação:
 - ✓ Devem ser encaminhados com, no máximo, 2 mil caracteres
 - ✓ Fontes Times New Roman ou Arial, tamanho 12

Participe você também!
 ✓ Escolas divulguem seus eventos no nosso mural. Esse espaço foi criado especialmente para vocês.

Próxima edição:

1º de dezembro

DIÁRIO CATARINENSE

Diretor-geral e Institucional SC: Marcos Noll Barboza
 Diretor-geral de Produto SC: Cyro Silveira
 Martins Filho
 Editor-Chefe: Nilson Vargas
 Gerente Comercial: Marcelo Martha
 Gerente de Operações: Adriano Araldi
 Edição: Fernanda Mengel
 Coordenadora do programa: Vanessa Esteves
 Textos do DC: Francine Cadore, Júlia Antunes Lorenço e Pablo Gomes
 Diagramação: Fabiano Peres
 Fotos: Ricardo Duarte, Francine Cadore, Diego Redel e Alvarcho Kurrossu

Comunicação-se com o DC na Sala de Aula:
 Rua: Rua Desembargador Pedro Silva, 2.958 - Bairro Itaguçu - Florianópolis - SC - CEP: 88.080-701
 Telefone: (48) 3216-3444 - Fax: (48) 3216-3355
 E-mail: nassaladeaula@diario.com.br

Um mundo fantástico

PROFESSORAS INCENTIVAM A LEITURA E O PENSAMENTO CRÍTICO POR MEIO DA PRODUÇÃO DE CRÔNICAS PELOS ALUNOS

Aprender a ler vai muito além de entender a junção de letras do alfabeto. Contextualizar e interpretar são requisitos básicos para a formação de um aluno crítico e com capacidade analítica apurada.

Além de ser uma fonte de conhecimento, a leitura é uma opção saudável de entretenimento, já que leva o leitor a lugares desconhecidos, apresenta quem está do lado de cá da página a personagens fictícios e histórias reais. Derruba a fronteira do tempo e do espaço e conecta, por meio do saber, mundos e realidades que, de outra forma, jamais se

encontrariam.

Motivadas pelo fantástico mundo da leitura, as professoras Greici Fernandes, Eliane A. Cardoso e Sônia Traversini, da Escola de Educação Básica Prof. Eugênio Marchetti, de Herval D'Oeste, começaram o trabalho com o gênero textual crônica.

O conceito e a história do gênero foram apresentados aos estudantes. O segundo passo foi estimular a coleta de crônicas. Os alunos buscaram o material em jornais, revistas e outros materiais impressos.

Familiarizadas, as turmas produziram suas próprias crônicas. Confira no quadro ao lado o texto de autoria de Brunna Provenç.



FELIPE MARUCCI

A Primeira Vez Que Eu Fui Para A Escola...

*Era uma tarde de verão
 Em que o sol brilhava forte
 Levada por minha mãe
 Fui conhecer onde eu passaria minhas tardes.*

*Andamos por volta de vinte minutos
 A ansiedade me consumia
 Mas o sorriso estampava minha face*

*Eu tinha lá meus quatro anos,
 Mas as imagens estão nítidas em minha mente.
 Chegamos na escola pontualmente,
 Eu agarrada em minha mãe
 Agora era a vergonha e o medo que me consumiam.*

*Fui apresentada à professora,
 Que deu-me um caloroso abraço de boas-vindas,
 Minha mãe ofereceu-me um beijo
 E afirmou que meu pai me apanharia ao final da tarde
 E então ela se foi.*

*A professora muito simpática
 Apresentou-me aos colegas presentes
 E para minha surpresa meu amiguinho estava lá
 Ele me deu um abraço
 E puxando-me pelo braço
 Levou-me para brincar
 Fiquei aliviada
 Pois eu não estava mais só.*

*Passamos boa parte desenhando e conversando
 E logo a tarde tinha se ido
 Sem que eu percebesse
 Já que o prazer de estar ali era imenso.*

*Foi então que guardei minhas coisinhas
 Em uma pequena mochila.
 Aguardei um pouco
 E logo chegou meu pai.
 No carro fui relatando a ele o ocorrido
 Como se estivesse acordando de um sonho.*

A imigração alemã em SC na ponta do lápis

Guilherme Engelberto Kundlatsch, da Escola de Educação Básica Santo Antônio de Mafra, no Planalto Norte, e Mainara dos Passos da Silva, da Escola São João Batista de Capivari de Baixo, no Sul do Estado, ficaram entre os três melhores trabalhos do concurso de redação A Imigração Alemã e a Mulher.

Eles ganharam um microcomputador com impressora, troféu e certificado, além de terem seus textos publicados na Revista Anual do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Os professores que orientaram os trabalhos serão premiados com um notebook, e as escolas receberão um microcomputador completo ou data-show.

O tema central da redação foi o papel da mulher na colonização alemã.

A contribuição da mulher na colonização alemã praticamente não aparece em livros oficiais. Os livros só citam o trabalho realizado pelos homens. Mas ela esteve presente em todos os momentos, trabalhando na lavoura, na produção de queijos, bolos e outras guloseimas, além de ser a responsável pela criação dos filhos – esclarece a coordenadora do concurso e de Línguas Estrangeiras

Os vencedores

Guilherme Engelberto Kundlatsch - EEB Santo Antônio de Mafra Redação - A Mais Velha das Anciãs
 Mainara dos Passos da Silva - EEB São João Batista
 Redação - Fraunnas, O Jardim e o Livro de Receitas: O Doce Legado Feminino em Terras Catarinenses
 Jéssica Roennau Kundlst - Colégio Bom Jesus de Florianópolis Redação: Margarete Méier Quast

da Secretaria da Educação, Sandra Regina Born.

Lançado em abril deste ano, o concurso teve como objetivo premiar textos inéditos, de autoria de alunos de 7ª e 8ª séries, sobre os 180 anos da colonização alemã em Santa Catarina.

A promoção do evento foi do IHGSC e das secretarias de Estado da Educação e de Turismo, Cultura e Esporte, com o apoio do Funcultural. O resultado completo com os nomes dos alunos premiados pode ser acessado no site da Secretaria de Estado da Educação (www.sed.sc.gov.br).

Educação é o maior patrimônio

COMUNIDADE SE UNIU EM LAGES PARA RECUPERAR E PRESERVAR UM COLÉGIO

PABLO GOMES

Lages

Da pichação à decoração. Dos vidros quebrados às cortinas de renda. Do matagal às calçadas e meios-fios pintados. Do terreno cheio de lixo a um belo jardim, com direito a flores e plantas frutíferas.

A Escola de Educação Básica Professor Egídio Baraúna, de Lages, na Serra Catarinense, é a prova de como a união entre professores, alunos, pais e comunidade pode mudar uma realidade, torná-la muito mais saudável e, principalmente, cidadã.

Localizada no Bairro Araucária, um dos mais problemáticos da cidade com relação à pobreza e à criminalidade, a escola passou por uma verdadeira revolução nos últimos meses após a implantação de um programa que, de necessidade, virou exemplo.

Quando chegou ao local, em fevereiro do ano passado, o diretor Armando José Duarte encontrou um prédio feio, sujo, todo pichado, com os vidros quebrados, o mato encostando nas paredes e, pior, pais, alunos e professores tristes e com baixa autoestima.

Preocupado, ele convocou todos, inclusive quem, diretamente, nada tinha a ver com a escola, para iniciar uma parceria que, dali em diante, deu cada vez mais certo. É o Programa Aluno Cidadão, que desenvolve constantes atividades relacionadas ao ambiente, como arborização, jardinagem, paisagismo, limpeza e embelezamento geral da escola, proporcionando um ambiente agradável que incentiva os alunos a permanecerem nela.

Em junho do ano passado, com o apoio de moradores e outras 11 entidades da cidade, a escola passou por um mutirão no qual foi feita a pintura do prédio, dos meios-fios e até da faixa de pedestres da rua,

DIRETOR DIZ QUE ALUNOS ENTENDERAM QUE A ESCOLA NÃO É DO GOVERNO, NÃO É DO DIRETOR. A ESCOLA É DELES E DEVE SER CUIDADA

além da construção das calçadas ao redor do prédio, onde antes havia apenas mato.

O lixo retirado do pátio central encheu três caçambas. Provando que a palavra desperdício está fora do dicionário desta turma, tudo foi vendido para a reciclagem. Os R\$ 900 foram usados para fazer o jardim.

A próxima etapa foi construir uma estufa onde são cultivados os alimentos que, depois, vão para a horta e viram reforço na merenda dos 600 alunos do ensino fundamental.

Pintura dos prédios foi feita em mutirão

Tanto envolvimento voluntário está dando certo. Tudo mudou para melhor na escola. Antes, eram comuns os atos de vandalismo e até furtos durante os fins de semana. Hoje, a própria comunidade faz a segurança da escola, e nenhum incidente foi registrado.

Os alunos, seus pais e moradores do bairro passaram a se conscientizar de que a escola não é do governo ou do diretor, mas é deles. O comprometimento dos estudantes melhorou muito, as brigas acabaram e hoje vivemos em um ambiente seguro e confortável – comemora o diretor.



AYMELLO ALMOSSU

DEDICAÇÃO Jardim foi feito com o dinheiro da venda dos entulhos retrados do pátio. O trabalho de plantar é resultado da união da comunidade, que também fez um mutirão para renovar a pintura do prédio da escola

Liderar é despertar a vontade de fazer

Quem trabalha na Escola Egídio Baraúna percebe que a situação melhorou bastante depois da implantação do projeto Aluno Cidadão. Em uma das paredes estão destacados os direitos e os deveres dos alunos.

Muitos enfrentam sérios problemas sociais. Alguns amargam a realidade de ter pais viciados em drogas ou na cadeia, já que o tráfico é intenso na região.

Mas o fato de os jovens se unirem por uma boa causa faz com que compreendam as vantagens de serem cidadãos. As professoras Luciane Melegari e Najet Motta lembram que assim é possível trabalhar o lado moral e social dos alunos, colaborando para que a maioria, ou talvez todos, siga caminhos de sucesso em suas vidas.

Quando construímos a estufa, tínhamos que, em pouco tempo, tudo fosse destruído. Felizmente, estávamos enganadas, pois até com

isso os alunos e a comunidade em geral se preocupam.

Não há um calendário específico para os mutirões de limpeza na escola, mas sempre que é preciso, é só chamar que a comunidade aparece rapidinho e cheia de vontade. A costureira Rosângela Vieira, 39 anos, moradora do Araucária, é uma que não falta um dia sequer à escola.

Mãe de alunas fez cortinas para o colégio

Não por ser aluna, funcionária ou professora, mas porque faz questão de estar presente em quase todos os momentos para incentivar as três filhas, duas delas alunas da Egídio Baraúna, a estudarem e preservarem o patrimônio que, na verdade, também é delas.

Rosângela faz cortinas para as janelas, as roupas do corpo coreográfico da banda da escola e até as toalhas

dadas de presente aos funcionários aniversariantes. Tudo de graça e com sorriso no rosto.

É só me chamar que eu venho rapidinho e ajudo em tudo o que for possível – diz a mãe orgulhosa. A filha mais velha, Thayla Arruda Moreira, 11 anos, é aluna da sexta série. Além de não ter vergonha de chegar de mãos dadas com a mãe todos os dias na escola – coisa muito comum entre pré-adolescentes desta idade –, até voltou a sentir prazer em estudar, de tão gostoso que ficou o clima por lá: – É muito legal, até porque a minha mãe está sempre aqui comigo.

E assim, a Escola Egídio Baraúna dá o seu exemplo, com professores, alunos, pais e vizinhos que fazem de tudo pelo seu bem. Eles levam a sério a frase estampada em uma das paredes do prédio: “Liderar não é impor, mas despertar nos outros a vontade de fazer”.

Visões diferentes de uma mesma obra

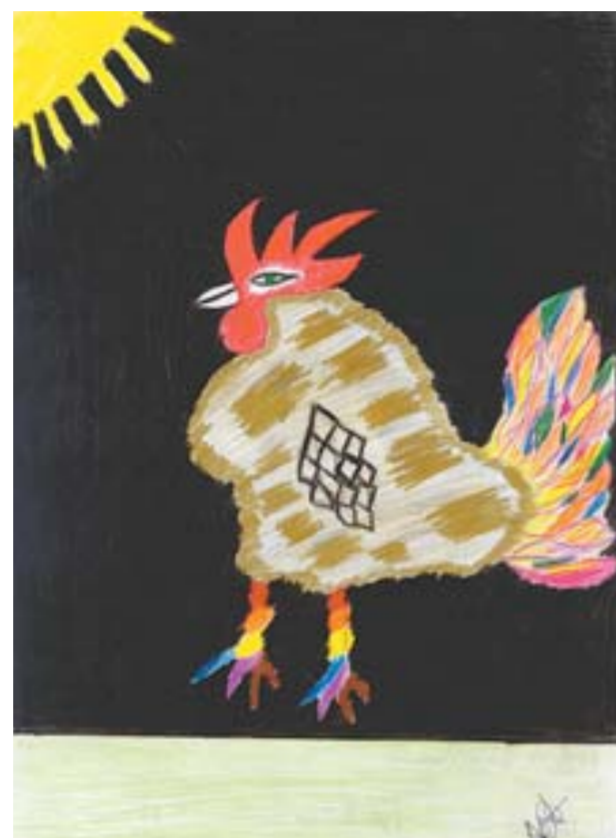
ALUNOS DA ESCOLA IRENE ROMÃO, DE ITAJAÍ, DESENHARAM A PARTIR DE QUADRO O GALO GALAXIO

Depois de uma aula sobre o movimento surrealista, os alunos do 3º ano do ensino médio da Escola Professora Irene Romão, de Itajaí, no Litoral Norte, mostraram que entenderam o conteúdo. Com o objetivo de valorizar os autores e suas obras e ainda estimular a expressão artística dos estudantes, a professora de artes Rosane de Almeida propôs que eles fizessem uma releitura da obra *O Galo Galaxio*, de Meyer Filho.

– O aluno sempre tira da obra sua essência e coloca seu ponto de vista, dando forma à própria interpretação – avalia a professora.



NAYARA DOS SANTOS



ANATÁLIA DE O. ROQUE



LÍGIA CRISTINE DOS SANTOS

O artista

- > Ernesto Meyer Filho nasceu em Itajaí, em 4/12/1919
- > Aos 27 anos, quando bancário em Curitiba (PR), se convenceu de sua vocação durante uma mostra de artistas franceses
- > Autodidata, aprendeu desenho e história da arte por meio de livros, exposições, visitas a museus e leituras diversas
- > Expôs, desde 1960, em galerias e museus do Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Buenos Aires e Mar Del Plata
- > Responsável pela organização dos dois primeiros salões de arte de SC e primeira coletiva de artistas de SC fora do Estado
- > Meyer Filho morreu em 22/06/1991, em Florianópolis

Fonte: www.meyerfilho.org



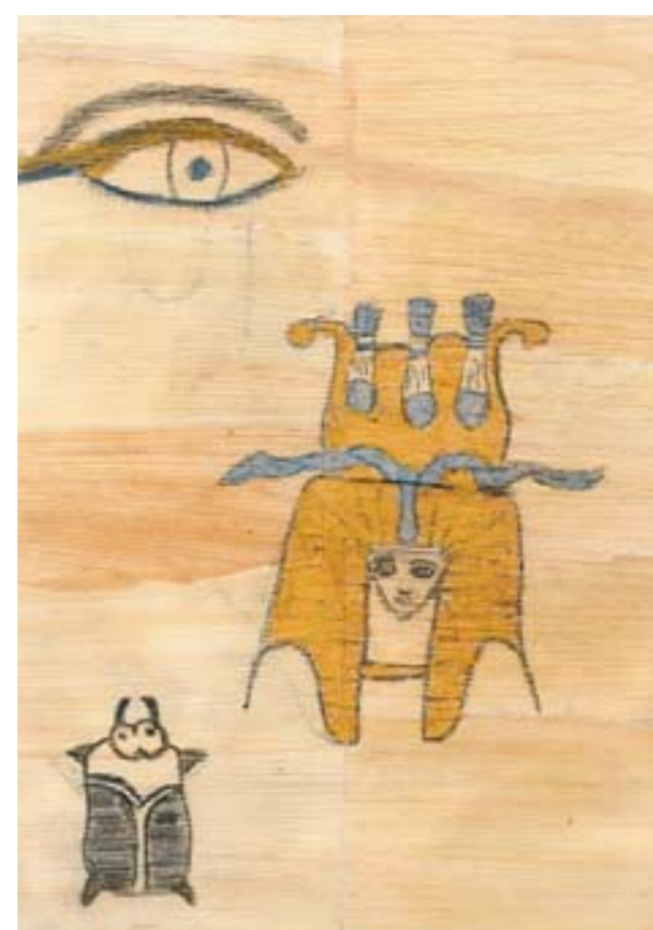
ELLEN CHAGAS RIBEIRO



HERIVELTON H. DE SOUZA MELLO



LUANA JANINE S. DE SOUZA



NICOLE GIOVANNA GONÇALVES PRESTES



MILENA ALVES DE LIMA



JAQUELINE DE FÁTIMA THEODOROVICZ VERKA

Viagem pelo tempo

TURMA DA ESCOLA SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS DESENHOU EM PAPIROS PRODUZIDOS PELOS ALUNOS

O trabalho sobre civilizações egípcias desenvolvido pela professora Luciane Boeing Soares deu aos alunos da 5ª série da Escola Sagrado Coração de Jesus, de Canoinhas, a oportunidade de aprender sobre o desenvolvimento deste povo. Também possibilitou aos estudantes ter contato com algo que, até então, eles só conheciam pelos livros de história: o papiro.

O material é uma espécie de ancestral do papel. Feito do talo da cana do papiro, ele foi usado pela primeira vez no ano 4.000 a.C.

Os próprios alunos fizeram o papiro, para depois desenhar os elementos que mais chamaram atenção nos filmes e imagens históricas sobre a civilização egípcia apresentados pela professora.

– O resultado foi surpreendente – diz a professora.



MICHELE FERNANDES DE OLIVEIRA



EDUARDA SCHMIDT

Lição que se aprende fora da sala de aula

PROGRAMA DA SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO INCENTIVA A PRÁTICA DE ATIVIDADES EXTRACURRICULARES COMO A GINÁSTICA

JÚLIA ANTUNES LORENÇO

Sentadas no colchão, com as pontas dos pés bem esticadas e o corpo alongado. Nesse momento, nada mais importa para as alunas do colégio Irineu Bornhausen, em Florianópolis.

Os problemas ficam de lado para dar lugar aos sonhos. Amanda quer ser ginasta profissional, assim como Sabrina e Andreza.

A ginástica rítmica e a natação são atividades complementares oferecidas na escola. Elas fazem parte de um programa da Secretaria de Estado da Educação, que vai atender 62.378 alunos de 592 escolas da rede em Santa Catarina.

As aulas de ginástica começaram a ser ministradas no colégio em setembro, com 55 alunas inscritas e uma fila de espera. A professora Jane Petry da Rosa, 32 anos, que também leciona em instituições particulares, começou como voluntária. Ela diz que, como era de se esperar, as meninas são as que mais respeitam e demonstram interesse pela atividade:

– Aqui tem um grupo de meninas que nunca faltam.

A professora reforça que, para frequentar as aulas de ginástica rítmica, as alunas não podem faltar mais de duas vezes seguidas e precisam ter notas boas. Além de mexer com o físico, Jane avalia que as meninas aprendem a se alimentar melhor, desenvolvem a coordenação motora e o companheirismo.

Andreza Mara Sarmiento, 10 anos, está na quarta série e começou a ginástica rítmica há dois. Ela conta que gosta de dançar e que frequenta as aulas porque quer ser ginasta profissional.

Escola de Palhoça oferece fanfarra

A colega Amanda Kohler, oito anos, pretende ser professora de ginástica rítmica. Ela lembra que queria fazer as aulas desde quando tinha quatro anos, mas que sua mãe achava que ainda não era o momento. Depois que começou a ginástica passou a se sentir mais disposta.

No colégio Governador Ivo Silveira, em Palhoça, na Grande Florianópolis, os alunos entre 15 e 17 anos podem relaxar e se divertir durante as aulas de fanfarra, onde

aprendem a tocar instrumentos.

A fanfarra começou a ser oferecida depois que o professor Kleber Sulhivan Ribeiro, 23 anos, começou a dar aulas como voluntário.

Hoje ele também integra o programa de atividades extracurriculares da Secretaria da Educação. Em conversas com os professores da escola, Kleber percebeu que o projeto faz bem aos estudantes.

– Eles melhoraram as notas e se tornaram mais participativos. A maioria tem entre 15 e 17 anos, considerada uma idade muito difícil. Querem fazer outras coisas, como namorar. Se estão aqui é porque realmente gostam – avalia.

A estudante Gisele de Oliveira Roque, 16 anos, da sétima série, confirma os efeitos positivos da fanfarra:

– A gente aprende a conviver melhor com as pessoas. A atividade contribuiu também para a minha vida pessoal e me ajudou a estudar mais. Não tiro mais notas baixas.

O colega Samuel Steinmetz, 16 anos, do segundo ano do ensino médio, diz que a fanfarra estimula o trabalho em grupo.

• julia.antunes@diario.com.br



FOTOS RICARDO DUARTE

EXEMPLO Andreza é uma das alunas que não faltam às aulas de ginástica e virou exemplo para as colegas

| Entrevista |
Albertina Chraim |
PSICOPEDAGOGA

Tempo de aprender e de brincar

A psicopedagoga e presidente da Associação Brasileira de Psicopedagogia em SC, Albertina Celina de Mattos Chraim, fala da importância das atividades extracurriculares na vida das crianças. É preciso estimular os pequenos a brincar e desenvolver outras atividades, respeitando o tempo livre deles.

DC na Sala de Aula – Atividades fora da escola são importantes para crianças? Por quê?

Albertina Celina de Mattos Chraim – Elas são fundamentais, desde que tenham relevância e sejam prazerosas. Mas é preciso cuidado com os excessos, que podem causar angústias e desconforto à criança.

DC na Sala de Aula – Como saber se o filho está sobrecarregado?

Albertina – A criança é, geralmente, seu próprio termômetro. Com sutilezas, muitas vezes demonstra cansaço, irritabilidade, hiperatividade e desorganização mental por não saber lidar com o excesso de informações e oportunidades que o mundo lá fora oferece. Por isso deve ser respeitada no seu tempo e ritmo.

DC na Sala de Aula - Como as atividades ajudam?

Albertina - As atividades fora do período escolar servem para que a criança estenda seu universo de conhecimentos, oportuniza integração e interação com outros elementos, além do familiar e escolar. Também ajudam a desestressar das cobranças dos pais e dos professores.

DC na Sala de Aula - Que tipo de atividades são recomendadas?

Albertina - Crianças precisam: brincar ao ar livre, pintar, desenhar, correr pular livremente. Sentir o aconchego do lar, estar em contato com seu primeiro universo que são sua casa, seu quarto seu banheiro, seus pertences, sua vida particular. Mais tarde, podemos intercalar essas atividades com a introdução de um idioma, aulas de música ou instrumentos, por exemplo. Outras habilidades que os pais podem desenvolver desde cedo são os jogos de tabuleiro, de estratégia, de regra. Além de acalmar, ajudam a centrar, lidar com a frustração, entender e respeitar as regras do jogo e da vida, além de oportunizar um raciocínio mais lógico das situações cotidianas, medindo causas e consequências.



DIEGO REBO

À frente da banda

A estudante Elaine Bina da Cunha, 15 anos, da Escola Governador Ivo Silveira, Elaine é uma das mais envolvidas com a fanfarra. Ela já participou de uma, em outra escola e quando foi estudar no colégio Ivo Silveira sentiu falta da atividade.

– Sugeri ao diretor que ele abrisse um espaço para a fanfarra aqui. Hoje é Elaine quem comanda a banda. Para a garota, a fanfarra torna as pessoas mais amigas e mais unidas.



Problema virou facilidade

Quando a mãe de Sabrina Pereira, 9 anos, levou a filha para a primeira aula de ginástica rítmica no colégio Irineu Bornhausen, onde ela avisou a professora Jane de que a menina tinha problemas de coordenação motora. Hoje, Sabrina integra a equipe de ginastas do Instituto Estadual de Educação e participa de competições estaduais.

A professora conta que a garota tem muita facilidade de aprender esportes e que é muito dedicada no que faz. Sabrina garante que consegue conciliar os treinos com as aulas e que se esforça para chegar às olimpíadas.

Mais ocupação otimiza o tempo

O chefe do departamento de esportes do Instituto Estadual de Educação, Geraldo do Valle Pereira, diz que o exercício físico é uma prática que vai trazer valores positivos para o resto da vida da criança:

– Mesmo que não treine e não seja campeã, a criança vai aprender a encarar desafios, vai vencer obstáculos, vai ter vontade de fazer as coisas.

Pereira ainda observa que esporte e educação devem caminhar juntos. Para ele a atividade física sozinha não chegar a lugar nenhum, assim como o ensino:

– O esporte ajuda a desenvolver a responsabilidade na criança. O professor chama a atenção para a importância de ficar atento aos sinais de cansaço que o aluno pode apresentar:

– A gente percebe que a criança está sobrecarregada quando começa a faltar muito às aulas da escola ou das atividades físicas.

Apesar disso, a criança que estuda em um turno e no outro faz atividade física, organiza melhor o tempo:

– Quando não faz nenhum tipo de exercício, ela pode se tornar preguiçosa – conclui.

O programa

> O programa de atividades curriculares complementares da Secretaria de Estado da Educação vai oferecer aulas de língua estrangeira, dança, teatro, natação, música e fanfarra para as séries finais do ensino fundamental e para o ensino médio da rede estadual

> As atividades são oferecidas no turno contrário ao que o aluno cursa as disciplinas obrigatórias

> Se alguma das 11 opções não for oferecida na escola onde o aluno está matriculado, ele tem a opção de procurar na unidade mais próxima

Confira as atividades oferecidas

- ✓ Espanhol
- ✓ Alemão
- ✓ Italiano
- ✓ Francês
- ✓ Inglês
- ✓ Dança
- ✓ Natação
- ✓ Teatro
- ✓ Canto Coral
- ✓ Música
- ✓ Fanfarra

Total de escolas: 592
Total de alunos: 62.378

Criatividade para aprender o idioma

PARA APRENDER AS PREPOSIÇÕES EM INGLÊS, GRUPO FEZ DESENHOS QUE UNEM ARTE COM GRAMÁTICA

Aprender a usar as preposições é um desafio para a maioria dos alunos. E quando o idioma não é o português, fica ainda mais complicado. Para ensinar de forma divertida e eficaz a utilização das preposições na construção de sentenças, a professora de inglês Elis Regina Baú Maier,

da Escola de Educação Básica Prof. Corália Gevaerd Olinnger, de Passos Maia, se valeu da criatividade dos alunos da 8ª série. Eles uniram arte e gramática.

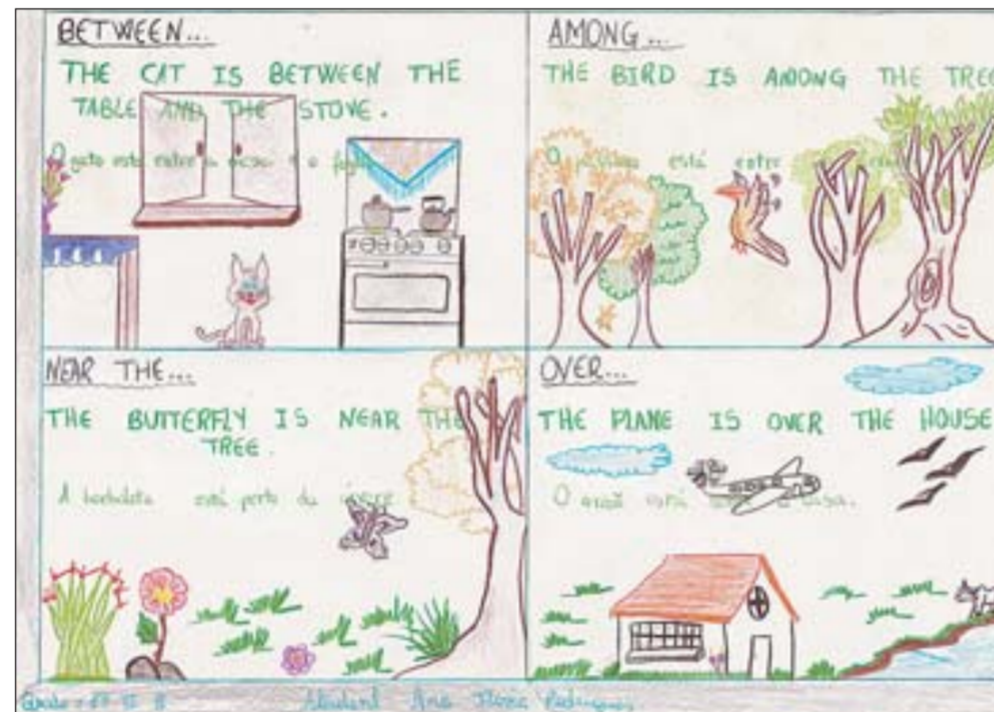
Eles desenvolveram desenhos com quatro sentenças demonstrando que entenderam o que significam termos como *between* (entre), *among* (entre), *near* (perto) e *over* (sobre).



ANDRESSA BOSSETTI



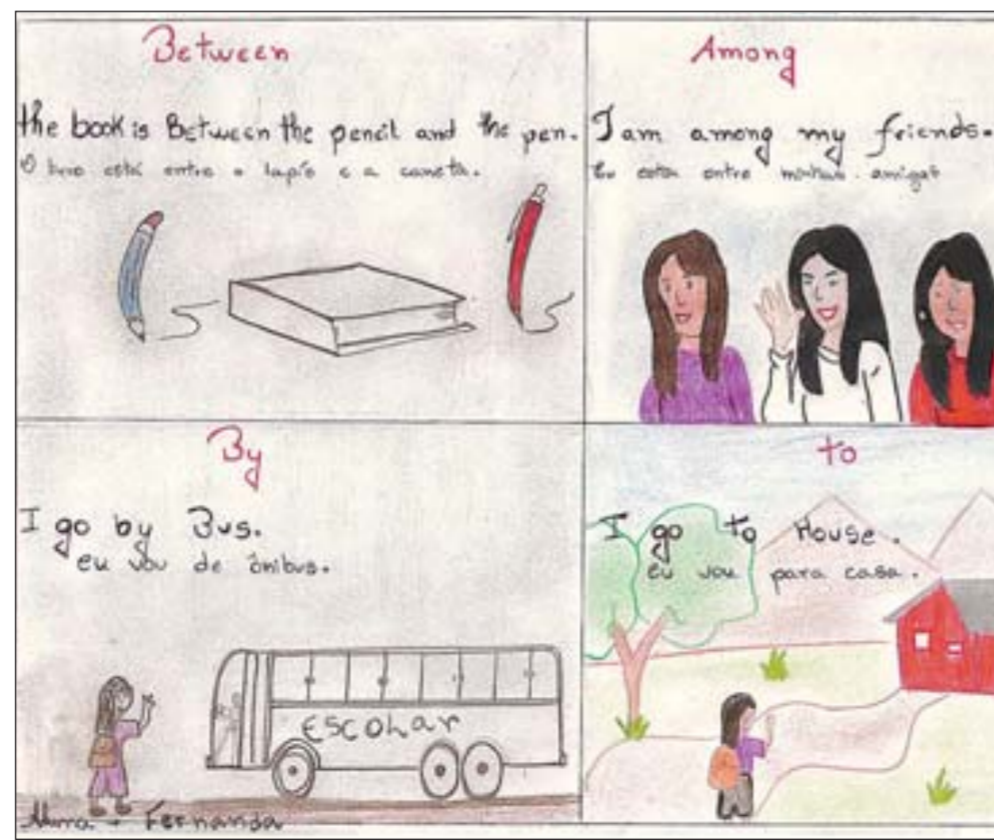
LIANÉS ZANCHETTA



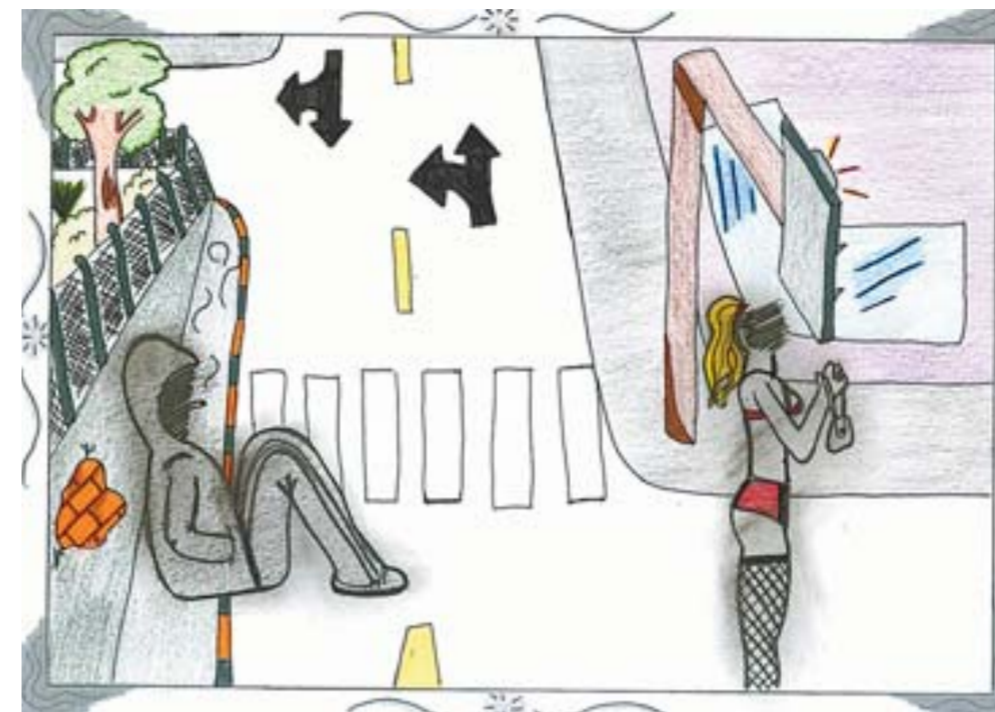
ANA FLAVIA RODRIGUES



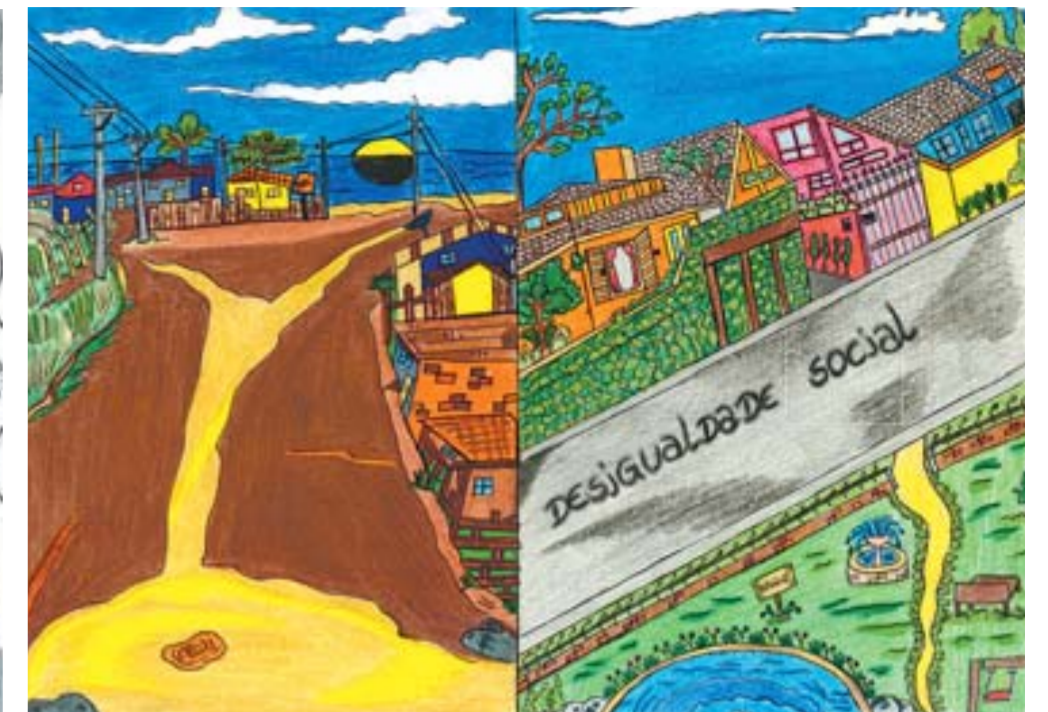
ANDRESSA MATIAS



FERNANDA DA SILVA DOS SANTOS



MANOELLA REZZADOMI



LARISSA LUNELLI

O feio que vira arte

2º ANO DO ENSINO MÉDIO DE JARAGUÁ DO SUL MOSTRA EM CORES O QUE É TER CONSCIÊNCIA SOCIAL

A triste realidade das mulheres que precisam se prostituir para viver. A dependência química como fator de exclusão na sociedade e crianças que pedem esmolas e vendem balas nos semáforos das grandes cidades. As denúncias sociais se transformaram em lin-

dos trabalhos de arte nas mãos dos alunos do 2º ano do ensino médio da Escola Abdon Batista, de Jaraguá do Sul. A professora Maristela Bresolin buscou identificar a arte realista como amostra da realidade social e política da atualidade propondo a atividade a seus estudantes. Em forma de desenho, eles deveriam mostrar uma denúncia

de injustiças, desigualdades, preconceito, política ou ambiente. Entre os assuntos retratados pelos estudantes também apareceram a relação do sistema judiciário com o processo eleitoral no Brasil e o incentivo às denúncias de abuso infantil. Além de provarem que têm consciência dos problemas que os cercam, os alunos deram um show de arte.



RENAN ORSINI PARMA



CAMILA SCHMIDT



JAQUELINE MELO



ABIA DEBORA CALVI DIAS



FABIANE RIOS



CAROLINI CAMARGO

Releitura da genialidade

TRABALHO DA ESCRITORA CLARICE LISPECTOR GANHA INTERPRETAÇÕES POR ESTUDANTES DE CHAPECÓ

A genialidade de Clarice Lispector com as palavras foi a fonte de inspiração para a atividade Por Favor, Leitura, proposta pela professora Izabel Terezinha da Rosa aos estudantes de 5ª a 8ª série da escola Professora Valesca C.R. Parizotto, de Chapecó. O objetivo do projeto era promover a leitura

intercalando formas de comunicação. A professora usou o livro *O Coelho Pensante* como ponto de partida dos trabalhos, que incluíram leitura em painéis sobre a vida e obra de Clarice, debate citando versos e a produção de desenhos e textos com base na obra da autora. As produções variaram entre desenhos (acima) e textos escritos com base na obra apresentada (abaixo).

Clarice Lispector nasceu na Ucrânia no dia 10 de dezembro de 1920. O nome na certidão de nascimento é Haia Lispector. A família se mudou para o Brasil quando Clarice ainda era uma criança. Ela ficou conhecida pela autoria de obras clássicas, como *Laços de Família* e *a Hora da Estrela*. Morreu em 9 de dezembro de 1977, no Rio de Janeiro.

Biografia do Joãozinho Pensante Lispector Vida de Joãozinho Mineiro da Rosa

“Joãozinho nasceu na Ucrânia no dia 10 de dezembro de 1920, de família italiana a qual tentava escapar da perseguição a seu povo.

O nome verdadeiro de Joãozinho era Pinkouss e quando chegou a Maceió (AL) seu nome ficou conhecido como Joãozinho Pensante Lispector. Sua família saiu de Maceió depois de três anos.

Logo após, eles foram a Recife (PE), onde Joãozinho viveu a infância e parte da adolescência. Nessa cidade, ele inspirou-se no coelho Monteiro Lobato, onde ficaram muito amigos.

Joãozinho se mudou para o Rio de Janeiro, na capital federal, no ano de 1939.

No estado do Rio de Janeiro, Joãozinho apaixonou-se pelo coelhinho Clarice que era

diplomata. Joãozinho casou-se com Clarice, onde viveram durante quinze anos nos países da Itália, Suíça, Inglaterra e Estados Unidos. No ano de 1959 Joãozinho e Clarice voltaram para o Brasil. Um ano depois que eles voltaram, tiveram dois filhos Pedro e Paulo.

Joãozinho começou uma nova carreira. Virou escritor e fez alguns desenhos. Joãozinho fez grandes obras, apareceu na mídia do Brasil e fez faculdade de Direito, de Desenho e de Matemática.

Hoje, no ano de 2009, ele ainda vive e mora no Estado de Santa Catarina, na cidade de Chapecó, onde vive com a família, dá aula e conta histórias para as crianças da quinta série do colégio Valesca Parizotto nas turmas 51, 52 e 53.”

Marcos Vinicius Becker e Willian Pinto

“Joãozinho Mineiro da Rosa, nasceu no dia 20 de novembro de 2000, na cidade de Manaus (AM). Seus pais se chamavam Beto e Betinha.

Joãozinho tinha seis irmãos e cinco irmãs. Eles se chamavam: João, Joaquim, Jonas, Jeferson, Jonathan e Jean. Elas se chamavam: Fernanda, Fabiane, Fátima, Fabioli e Fabricia.

Sua família do todo eram 14 coelhos. Eles gostavam de comer cenouras, alfaces, repolhos, couves e grama.

Joãozinho cresceu e conheceu uma coelhinha chamada Ana Vitória. Depois de um tempo, eles se casaram e tiveram quatro coelhas e dois coelhos. Eles se chamavam: Viviane, Vivi, Vitória, Vinícias, Carlos e Cezar.

Eles viajaram para Florianópolis. Depois de mais ou menos dois anos eles encontraram Clarice Lispector. Como Clarice gostou muito da família de Joãozinho, recolheu a família

dele em sua casa e La eles viveram muito bem.

Joãozinho ajudava Clarice a escrever os livros e quando terminavam, Clarice colocava o nome dela e de Joãozinho e fez uma história para ele, que se chamava o Coelho Pensante. Quando Joãozinho queria escrever algo ele franzia o nariz 15000 vezes.

Um dia, Joãozinho escreveu uma poesia para seus pais, que era assim:

O que sinto não ajo
O que ajo, não penso
O que penso, não sinto
Do que sei sou ignorante
Do que sinto, não ignoro
E ajo como se me entendesse.

Depois de um tempo, os filhos de Joãozinho cresceram e decidiram ir morar sozinhos. Joãozinho foi cuidar de sua mãe e lá ficou morando com ela.”

Bruna Leticia Tullio



GABRIELI PACHECO

Poesia das cores e traços

PROFESSORA DE ITAIÓPOLIS USA DESENHOS DOS ALUNOS COMO INSPIRAÇÃO PARA COMPOR UM POEMA

A ordem mais comum de atividades realizadas em sala de aula é ver os alunos produzindo depois de receber como ponto de partida algum trabalho proposto pela professora. É geralmente a partir dele que os estudantes desenvolvem desenhos, textos e o que mais a imaginação permitir.

Não na sala da professora Maria de Lourdes A. Kühn, da Escola de Educação Básica Virgílio Várzea, de Itaiópolis, no Planalto Norte. Para diversificar a forma de ensinar, ela usou os desenhos feitos pelos estudantes como fonte de inspiração para compor um poema.

Com o título *Desenho de Criança*, ela botou em palavras o que os pequenos da 3ª série do ensino fundamental expressaram em cores e traços. Confira os desenhos que inspiraram a professora e o poema escrito por ela.



PAOLA FELCZAK

O poema

Linhas Curvas...
Uma carinha,
Outra carinha,
Muitas carinhas.
Faces...
De adultos,
De crianças,
De meninos
E Meninas
Fisionomias...
Alegres,
Tristes,
Assustadas,
Engraçadas,
Divertidas...
Expressões...
Que através da Arte
Representam
Originalidade,
Criatividade
Estética...
Desenhos de Criança
Simplesmente!!!

O civismo vai à escola

COLÉGIOS DO MEIO-OESTE DO ESTADO ENSINAM DESDE CEDO O SIGNIFICADO DOS SÍMBOLOS NACIONAIS

Herval D'Oeste/Joaçaba

FRANCINE CADORE

Entre o dia da Independência – 7 de setembro – e a Proclamação da República – 15 de novembro –, é muito comum vermos a bandeira hasteada em frente a escolas, repartições públicas e eventos coletivos. O hino nacional, igualmente, passa a ser mais lembrado.

Mas será que os brasileiros conhecem os símbolos da bandeira nacional e compreendem a linguagem usada no hino da nação? Nos colégios catarinenses, as crianças aprendem desde cedo a valorizar as expressões patrióticas.

Na Escola de Educação Básica São José, em Herval D'Oeste, no Meio-Oeste, os 1,3 mil alunos realizam o momento cívico semanalmente. Eles são separados por séries e conduzidos ao salão de atos.

Cantam os hinos, aprendem sobre os símbolos das bandeiras e conhecem as representações nacionais. Para entender a complexa linguagem e decorar as letras, recebem instruções no data-show e analisam cada frase das músicas.

– Aderimos ao momento cívico porque percebemos que os valores ligados à pátria estavam se perdendo entre os adolescentes – observa a assistente técnica-pedagógica Elveni Dalla Nora.

Valorização do respeito foi o primeiro passo

A professora Eva Fagundes explica que, antes de despertar o amor pelo Brasil entre os alunos, foi preciso retomar alguns ensinamentos básicos de convivência. Com a implantação do projeto Valores, os alunos tiveram noções sobre solidariedade, respeito, responsabilidade e preservação ambiental incluídas nas disciplinas.

– Se os estudantes não se respeitavam, como poderiam respeitar a bandeira e o hino nacional? – questiona Eva.

Nas salas de aula, os conteúdos da antiga disciplina de Moral e Cívica estão dissolvidos e contextualizados. O livreto *Pingo dos Hinos*, distribuído às escolas pela Secretaria de Estado da Educação, é uma ferramenta de apoio. A obra traduz para a linguagem atual os principais hinos. O objetivo é fazer com que os alunos compreendam e insiram as estrofes no contexto contemporâneo.



FLÂMULAS Dyonattan (E), Nicole e Vinicius aprenderam o significado das bandeiras, inclusive a que representa a cidade onde moram, Herval d'Oeste (foto)



MISTURA Professora Adriana propôs mescla das cores e símbolos nacionais

Conhecendo as cores e os acordes da pátria

A linguagem e os significados dos termos utilizados à época da construção da música do hino nacional, em 1831, foram trabalhados pela professora Marta Rinaldi nas aulas de língua portuguesa da Escola de Educação Básica Nelson Pedrini, em Joaçaba, no Meio-Oeste:

– Utilizamos muitas paródias e focamos na tradução para a linguagem atual para que os alunos saibam o que estão cantando.

Na disciplina de artes, a professora Adriana Martini surpreendeu-se com a criatividade de seus alunos, que deveriam mesclar a bandeira nacional com valores e elementos que lembrassem a cultura brasileira.

– Ainda há muita resistência em demonstrar o amor à pátria porque se mistura patriotismo com política. Devagar, conseguimos mostrar aos alunos que são coisas distintas. Os

trabalhos evidenciam a consciência e a valorização que os adolescentes têm dado ao Brasil – avalia Adriana.

Estudantes reconhecem a beleza do hino nacional

Para os estudantes Nicole Méier, Vinicius de Almeida e Dyonattan de Oliveira, além da bandeira, outra relíquia nacional que não pode ser deixada de lado é o belíssimo hino brasileiro. Com as estrofes na ponta da língua, os três aprenderam na escola o significado dos símbolos das bandeiras do Estado, da cidade e do país, e compreenderam as estruturas sintáticas e morfológicas dos hinos.

– Depois que se entende, fica mais fácil cantar. Às vezes, cantava o hino sem saber o que tal palavra queria dizer – comentou Dyonattan.

Os colegas Vinicius e Nicole há

“SER PATRIOTA NÃO É SÓ ASSISTIR AOS JOGOS DA SELEÇÃO OU DESFILAR NO DIA 7 DE SETEMBRO”

poucos dias apresentaram na praça de Herval D'Oeste uma poesia patriótica. O exercício do civismo é uma atividade que a garota disse levar para a vida inteira.

– Ser patriota não é só assistir aos jogos da seleção e torcer para as vitórias ou desfilarmos no dia 7 de setembro. É ter compostura, respeitar a bandeira e nunca bater palmas depois do hino – explica Vinicius.

Além de mostrarem que aprenderam a lição, os estudantes não deixaram passar batido gafes de muitos jogadores e de uma cantora, que foram flagrados cantando o hino totalmente errado.